



O Sonho do Coração

O caminho que iniciamos quando respondemos ao chamamento é longo e cheio de tudo aquilo que fomos e tudo aquilo que seremos.

Cairistiona Worthington, *Druids – A Beginner's Guide*

Alguns no nosso coração existe um sonho que tenta nascer. Mas, quando observamos o mundo à nossa volta, parece muitas vezes que, colectivamente, criámos um pesadelo: vemos terríveis cenas de pobreza e miséria, bem como a devastação provocada pelo terrorismo, pela guerra e pela industrialização. Mas também vemos uma beleza extraordinária: podemos passear por vales verdes, subir montes de cujos cumes podemos contemplar florestas e oceanos, ou fechar os olhos e sentir o sol e o vento no rosto e em todo o corpo, recordando-nos então dos nossos sonhos. Esses sonhos variam de pessoa para pessoa, embora lá bem no fundo, acredito eu, exista um sonho comum, uma esperança partilhada pela grande parte da Humanidade de que as nossas vidas e as vidas de todos os seres se encham de sentido e significado e se tornem ricas em experiências e liberdade, sabedoria e criatividade.

Este livro é sobre um modo de vida que pode ajudar-nos a descobrir esse sonho universal nos nossos corações, podendo também ajudar-nos a *vivê-lo* de um modo que, por muito pouco que seja, possamos contribuir para mudar o Mundo à nossa volta.



Há trinta e cinco anos, quando ouvi falar pela primeira vez nesse modo de vida, não fazia ideia do quão importante ele viria a ser para mim, tal como o é para um número incontável de pessoas em todo o Mundo. O meu pai trabalhava como professor para o proprietário de uma escola privada em Londres, que era também Chefe Druida. Isso intrigou-me: como poderia alguém ser Druida – quanto mais “Chefe Druida” – em Londres, em pleno século XX? Esse homem convidou-me então para assistir a uma cerimónia druídica e, nesse preciso momento, iniciei o longo caminho que tenho vindo a percorrer desde então, e que acabaria por levar-me a substituí-lo como líder do grupo por ele fundado: a Ordem dos Bardos, Ovates e Druidas.

Desde esse tempo, que agora me parece já tão distante, o Druidismo evoluiu ao ponto de se ter tornado uma das maiores espiritualidades “alternativas” do Mundo moderno. Neste livro exploraremos as origens do Druidismo na Antiguidade remota, bem como as suas manifestações actuais, sempre com duas questões em mente:

- ☾ Quais os aspectos do Druidismo que são importantes para os dias de hoje?
- ☾ Como poderemos usar as ideias do Druidismo para nos beneficiarmos a nós próprios e tornarmos o Mundo um lugar melhor?

Abriendo a PORTA

A palavra “Druida” oferece-nos ela própria a primeira chave para respondermos a essas questões e compreendermos os Mistérios dos Druidas. É como se uma placa pendurada na porta da frente de uma casa nos pudesse revelar muitas informações sobre a mesma, desde que parássemos para lê-la antes de tentarmos abrir a porta.



Existem dois tipos de palavras: as conotativas e as denotativas. Quando vamos ao dentista ou somos operados, esperamos que os médicos usem palavras denotativas: “Broca! Bisturi!” Tratam-se de vocábulos que denotam objectos específicos e toda a gente concorda relativamente ao seu significado. Mas, quando ouvimos a letra de uma canção ou as palavras de um poema, ouvimos palavras conotativas: vocábulos que conotam e, assim, evocam um conjunto de ideias e imagens associadas, ou, por vezes, também cheiros, sons e sentimentos. A concordância não é tão necessária ou tão importante nas palavras conotativas.

O vocábulo “Druida” insere-se neste tipo de palavras. Mesmo sem nos darmos conta, a sua etimologia remete para imagens de magos e sábios, para figuras do tipo de Gandalf ou Merlin, ou para ideias de sabedoria antiga e conhecimentos arquetípicos. E, quando analisamos as várias teorias relacionadas com a sua origem, esta palavra torna-se ainda mais evocativa.

Alguns estudiosos modernos concordam com os autores clássicos gregos e romanos quando estes afirmam que a origem mais provável está na junção da palavra celta que designa o carvalho, *dru*, com a raiz indo-europeia *-wid* (“saber”), o que daria uma definição de “Druida” como “aquele que possui a sabedoria do carvalho”, ou “sábio do carvalho”. Encontramos um suporte para esta teoria nas palavras irlandesa, galesa e grega que designam aquela árvore:

Irlandês: *daur* (*druí* – Druida)

Galês: *derw* (*derwydd* – Druida)

Grego: *drus* (*druídai* – Druidas)

À primeira vista, pode parecer estranho que os conhecimentos dos Druidas pudessem estar limitados a uma árvore. No entanto, é óbvio que o carvalho representa aqui todas as árvores, dado que era uma das mais antigas, mais predominantes e mais reverenciadas espécies existentes nos territórios habitados pelos celtas. Os que possuíam a



sabedoria do carvalho possuíam assim a sabedoria de todas as árvores. Outro aspecto que parece corroborar a ideia de que a palavra “Druida” está simultaneamente associada ao conhecimento e às árvores é o facto de em irlandês “árvores” dizer-se *fid* e “conhecimento” *fiós*, ao passo que em galês “árvores” são *gwydd* e *gwyddon* que significa “sábio”, de onde podemos concluir que o Druida era alguém com “o conhecimento das árvores” e, desta forma, um “sábio da floresta”. Por seu turno, esta última personifica algo em estado selvagem ou por desbravar, enquanto que o sábio personifica a sabedoria. Dispostas em conjunto, estas duas palavras sugerem-nos que o Druidismo nos oferece um caminho para o “conhecimento daquilo que está por desbravar”.

Outras possíveis origens da palavra “Druida” são: *draoi* (“mágico” em gaélico), *dryad* (“ninha das árvores”, ou “do bosque”, em grego) e *druaigh* (“encanto” em manx). Embora não possamos ter a certeza de que todas estas palavras apresentem uma ligação com a origem do termo, o que é certo é que elas nos remetem para uma intrigante associação de ideias, dando-nos a imagem do Druida como um “conhecedor dos espíritos das árvores, da magia e dos encantamentos”.

Outros estudiosos defendem que o termo deriva de uma combinação entre as raízes indo-europeias *deru* (que significa “firme”, “sólido”, “forte” ou “seguro”) e *weid* (que significa “ver”), criando-se assim um termo cujo significado seria “vidente forte”.

Para o leitor ter uma ideia de como poderá ser o sentimento de ser Druida, basta tentar proferir a seguinte fórmula: “Sou um vidente forte e seguro, conhecedor da magia e dos encantamentos. Sou um sábio da floresta. Conheço os segredos do carvalho e dos bosques por desbravar”. Deve ser dita várias vezes, com pouca inibição e muita convicção, e é importante que o seja em voz alta, dado que a voz tem propriedades mágicas (tema que exploraremos em breve, quando analisarmos o trabalho dos bardos). Se a ler agora em voz alta e estiver num local público, provocará o espanto de todos à sua volta, mas também poderá esperar até chegar a casa para a ler.

